

**Maurice Blanchot – O Escafandrista de Extremidades:
Reflexões sobre a *Experiência do Fora* na Literatura**

Guilherme Roman Borges*

Resumo: Este breve ensaio pretende recolher, dentro das concepções teóricas de Maurice Blanchot, recortes necessários para compreender o caráter constitutivo do discurso literário como “experiência do fora”, e, nessa medida, trazer argumentos indispensáveis para refletir uma nova ‘estratégia de pensamento’ em torno do neutro, da impossibilidade, da negação e do ser da linguagem para a função jus-autor.

Abstract: This brief essay intends to collect clippings, within Maurice Blanchot's theoretical concepts, which are necessary for the understanding of the constitutive character of the literary speech as “experience of the outer” and in that measure, bring arguments that are essential to reflect a new “thinking strategy” around the neuter, of the impossibility, of the negation of the language being for the jus-author function.

Palavras-chave: Discurso literário - exterioridade - invisibilidade - negação - ser da linguagem.

Key Words: Literary speech – exteriority – invisibility – negation – language being.

1 A Literatura Constitutiva de Maurice Blanchot

Os anos que rondaram a Segunda Guerra Mundial foram extremamente profícuos para a literatura francesa, sobretudo pela diversidade das críticas literárias e das prosas filosóficas, as quais acabaram marcando um inesquecível debate entre autores de peso no mundo das letras. De um lado, autores nitidamente marxistas e liderados pela prelevada figura de Jean-Paul Sartre; de outro, aqueles que foram muito a contragosto denominados de estruturalistas, especialmente na imagem pública de Roland Barthes; e, finalmente, aqueles que construíram uma literatura marginal, de negação, de fuga, de ruptura, então encabeçados originalmente por Maurice Blanchot. Todavia, a literatura brasileira muitas vezes passa ao largo de suas construções teóricas, o que certamente traz um imenso prejuízo para a escrita nacional, já que temas como a *experiência do fora*, da dessubjetivação do autor e do caráter constitutivo da literatura em muito podem contribuir para aperfeiçoamento de nossa literatura. Por essa razão, convém doravante sobre ela se debruçar um pouco e lançar uma breve reflexão.

* Advogado, Mestre em Sociologia do Direito na UFPR, Mestrando em Filosofia e Teoria Geral do Direito na USP, Professor de Ética e Direito Econômico no Unicenp e de Criminologia na Unibrasil.

MAURICE BLANCHOT – O ESCAFANDRISTA DE EXTREMIDADES:
REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO FORA NA LITERATURA

A *experiência do fora* criada por Blanchot, mas revista por outros autores, como Foucault, Bataille e Deleuze, num momento em que se rompiam com as premissas fundamentais do realismo literário, é uma *estratégia de pensamento (l'expérience du dehors)*, hábil a levantar as certezas e os dogmas do discurso tradicional para além da literatura ficcional. Partindo de críticas literárias, Blanchot sustenta que o *Fora* seria um novo instrumento epistemológico que traduz a literatura como *experiência de constituição* e não como conhecimento do mundo. Se outrora se acreditava na literatura como uma criação reflexiva do mundo material a partir de histórias e personagens ficcionais, ao gosto da burguesia e seu público privilegiado de ornamento real ou mesmo ao populismo dos *feuilletons* do séc. XIX, a partir dos anos quarenta, Blanchot sustenta que seu papel seria, doravante, a fundação da própria realidade: uma espécie de *experiência original*.¹ A capacidade da *linguagem de ficção* em enunciar seu mundo, e portanto, sua condição de engajamento, provoca uma nova forma de vivenciar a literatura como experiência crítica, a literatura como a escrita que rompe, que suspende o signo da tradição, em suma, que a introduz no turbilhão entre o possível e o impossível: “a comunicação é, em todo o momento da criação, sua presença, ao mesmo tempo que uma espécie de súbita distância, na qual a obra feita se reflete e na qual a crítica é chamada a ser sua própria medida (...) tudo o que não cessa de tê-la como possível-impossível.”²

Enquanto a linguagem usual ou mesmo a científica (numa clara referência a Nietzsche) se revela na tentativa de absorver, deglutir e expor o real de maneira clara e aceitável, a fim de que o conhecimento se produza, transmita-se e a *verdade* se instaure, a linguagem literária, a palavra ficcional, por sua feita, tem na essência o seu oposto: o desconhecimento, a negação, pois sua empresa maior é a própria fundação da realidade. Isto não significa, entretanto, que a fundação seja a construção antonímica do conhecimento, mas o seu duplo, que se realiza no exterior, não como *notitia*, mas como experiência. Se à linguagem cotidiana cumpre a ciência do mundo, tal o espelho holístico de Comte ou Ranke, à linguagem literária compete a sua autoconstituição e a constituição de seu mundo. A literatura vai *além*, a um *além fora*, um *além* questionador de seu próprio estatuto literário, de seu próprio fazer ficcional, mas não distante. Um *além* mundano (não um *além-mundo*), um *além* vivificado, materializado, jamais transcendental. É um *além* em si mesmo e por si mesmo: constituinte. À *verdade* a que a interpretação blanchoniana da literatura chega, é a verdade que faz o mundo e a vida possíveis; é a verdade sempre escondida nas tramas da narrativa; a verdade possível na esteira de sua impossibilidade, ou, como diria Paul de Man “a verdade que se esconde na verdade que se afirma.”³

¹ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, p. 245.

² BLANCHOT, Maurice. *Lautréamont et Sade*. Paris: Éditions de Minuit, 1963, p. 12.

³ MAN, Paul de. “La circularité de l'interprétation dans l'oeuvre de Maurice Blanchot”. *In Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, p. 560, juin 1966.

Esta verdade que se afirma permite o reconhecimento do mundo que a *linguagem ficcional* constitui e não representa. Desde as personagens ao entrecho, o escritor cria um mundo, um mundo que não é naturalmente imaginário, mas um mundo real, não representável; um mundo de situações e objetos concretos, que se realizam na experiência própria da literatura, uma espécie de "outro de todos os mundos". Nesse sentido, a linguagem para o escritor deixa de ter caráter instrumental e conotativo, como usualmente se costuma sustentar, e passa a ser elemento de indicação precisa de um espaço, o espaço literário, que é o espaço do *fora*, e, também, o seu próprio mundo. Trata-se da linguagem de uma experiência real, cujo objeto existe na medida em que é descrito pelo escritor, cuja palavra que designa seu objeto está na sua íntima referência a ele mesmo: numa espécie de união indissolúvel, jamais desapegada. A palavra ficcional, portanto, traz o espaço vazio de sua origem e de sua constituição mundana, e não o sentido carregado de repetição e imitação do mundo. Ao impregná-lo do sentido da palavra pão (*pain*),⁴ por exemplo, o odor e o saber do pão naturalmente constroem para o leitor a realidade de sua própria experiência escrita. A realidade do pão está no traço do escritor. Ao dizer que o "pão está na mesa", a palavra se aniquila na condição de representação, e o que existe é apenas o seu estar no mundo, constituinte, na experiência da literatura enquanto tal. Sua projeção ao fora traz consigo a impossibilidade essencial, a negação da negação. A palavra é o curso do mundo, e a maquinaria que na sua irrealdade se faz realidade.

Nesta dimensão constitutiva, a *escrita* representa o exercício da palavra no seu próprio desfazimento. Blanchot sustenta que "escrever, então, torna-se uma terrível responsabilidade. Invisivelmente, a escrita é chamada a desfazer o discurso, no qual tão maravilhados que nós nos acreditamos ser, ficamos, ao dele se dispor, confortavelmente instalados."⁵ É sua constituição espiralada que conforma a escrita a processar-se num desdobramento constante, numa transformação incessante, cujo destino é sua impossibilidade, sua *negação* do mundo e do próprio autor. A escrita é dispersa e anônima e se constitui à medida que o sujeito se nega na obra. Sua existência se dá no outro, no lugar do *fora*, quando o sujeito não é mais a verdade e a condição última de sua existência no mundo. A escrita é o lugar, por excelência, dessa *impossibilidade*, da perda da identidade e a possibilidade de todos os outros.⁶ É o lugar do trabalho do questionamento; é onde se cuida de questionar, segundo Blanchot.⁷ "Questionar é, então, avançar ou recuar em torno do horizonte de toda questão. Questionar é se colocar na impossibilidade de questionar por questões parciais, é provar essa impossibilidade de questionar particularmente, assim como

⁴ BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1955, p. 95.

⁵ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. VIII.

⁶ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. VI.

⁷ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. 12.

MAURICE BLANCHOT – O ESCAFANDRISTA DE EXTREMIDADES:
REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO FORA NA LITERATURA

toda questão é particular e uma questão é melhor colocada quando ela responde mais firmemente à sua particularidade de posição.”⁸ Mas o questionar pela escrita pressupõe o movimento, porque a “pergunta é movimento”.

A escrita leva à obra, e a obra literária, para Blanchot, é necessariamente anônima, posto que a força criativa do trabalho esconde o seu autor, ou melhor, diminui a sua importância, e, ele só pode ser reconhecido na análise do movimento de suas obras. Como diz Foucault: “o sujeito que fala não é responsável pelo discurso”.⁹ Há um anonimato, fruto da substituição do clássico problema da verdade pela coerência dos discursos.¹⁰ São as condições de possibilidade de escrita que reconstroem a escrita e seu autor. É o movimento em oposição à estabilidade, é a transformação em oposição à estaticidade que garante o reconhecimento da linguagem e da literatura do autor. A sua essência é “fugir a qualquer determinação essencial, ou qualquer afirmação que a estabilize ou mesmo a realize: ela nunca está realmente lá; está sempre por ser encontrada ou reinventada.”¹¹ Essa impossibilidade entre a escrita e o seu escritor, ou melhor, como diria Paul de Man, essa impossibilidade do escritor em jamais ler a sua obra,¹² leva Blanchot a uma circularidade em que a obra não se relaciona como o sujeito, mas consigo mesma, no mundo. De certo modo, o escritor que se interpela pela escrita é sempre um autor imisso, visto que se cruza pelo meio da linguagem. A interpretação de um texto está na obra e não no autor, como há muito bem se quis. Para compreender a escrita é preciso deixá-la, olhá-la desde um *fora*, desde uma linguagem autêntica, quando ela se torna uma espécie de “vigilância extrema e ativa”.¹³

É preciso despir-se, fugir da visibilidade e aceitar a *experiência do fora* como uma experiência material, dada a força fundadora, constitutiva da linguagem ficcional. O sujeito despersonalizado, que adiante o exterior foucaultiano trará em questão, ressaltando um *ser da linguagem*, questiona as certezas de uma dada episteme, e leva a literatura a pensar o impensável, ou, como sustentaria posteriormente Deleuze, a criar diferentes e múltiplas estratégias de vida para o complexo mundo contemporâneo. O *fora*, para Blanchot, não sendo um conceito determinado, mas antes uma forma extremada de questionamento, recusa a obra, busca o ausente, e se reconstitui em seu desdobramento. Faz a relação entre a literatura e o real se estremecer, ao questionar as noções de autor, origem, verdade, tempo, etc.

⁸ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. 13.

⁹ FOUCAULT, Michel. *La pensée du dehors. Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangère* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris, v. XXII, n°7 229, p. 524, juin 1966.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *Sur les façons d'écrire l'histoire. Dits et Écrits*. Org. Daniel Defert et François Ewald. v. 1 Paris: Gallimard, 1994, p. 596. (Entretien avec Raymond Bellour).

¹¹ BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir...*, pp. 293 e 294.

¹² MAN, Paul de. *La circularité de...*, p. 550.

¹³ MAN, Paul de. *La circularité de...*, p. 549.

É pelo *fora* que o mundo interioriza, que as coisas se tornam interiores a si mesmas, na superfície e não interioridade profunda, é o lugar da “transformação do visível em invisível e do invisível ainda mais invisível (*l’invisible en toujours plus invisible*), lá onde o fato de ser não-claro não exprime uma simples privação, mas o acesso ao outro lado, que não é dirigido para nós e também não é por nós esclarecido.”¹⁴ O *fora* não é um lugar além, mas o deserto, o próprio mundo desdobrado. A literatura tem justamente essa capacidade de vivenciar “o outro do mundo”, ao invés de simplesmente refleti-lo e conhecê-lo. Ela constitui o fora de toda obra, que deixa sobre o texto a marca vazia do escritor.¹⁵ Por isso insiste Blanchot na invisibilidade da palavra: “Falar é essencialmente transformar o visível em invisível, é entrar num espaço que não é divisível, numa intimidade que existe, entretanto, fora de si (*hors de soi*). Falar é se estabelecer nesse lugar onde as palavras têm necessidade de espaço para manter e serem entendidas e onde o espaço, tornando-se o próprio movimento da palavra, torna-se a profundidade e a vibração do acordo (*entente*).”¹⁶

Blanchot está sempre à procura deste *fora*, este “fora silencioso, o silêncio do silencioso, que de modo algum tem relação direta com uma linguagem,”¹⁷ senão a sua imanência ficcional. É o lugar supremo do rumor, do murmúrio, para além da origem, de tudo o que foi dito. A literatura vive de sua impossibilidade enquanto tal, quando se desdobra e substitui a intimidade e a profundidade do sujeito pelo fora da linguagem: onde só resta o ruído. Esse fora da linguagem, que é um “não-lugar sem intimidade,”¹⁸ constrói o lugar da morte do autor, fazendo-o saltar de si próprio, para se constituir enquanto um ser-linguagem. O fora é o espaço despovoado da subjetividade do autor¹⁹ e o lugar desabitado de si mesmo, como exercício de uma experiência real e não ficcional. Assim, todo sujeito ao escrever *escava superfícies*, busca o sentido da obra em sua dobra no mundo exterior e não no recôndito de sua interioridade, torna-se um *escafandrista de extremidades* na procura de seu conhecimento constitutivo no mundo ao negar-se. “Quem escreve está no desterro da escritura,”²⁰ dissera Blanchot, é nela que o sujeito aparece e se aniquila para o espectador; é nela que o sujeito se realiza inominado, fazendo jogar todas as suas cargas e todos os seus excessos para for de si mesmo. É a aniquilação do *eu*, é a presença do ausente, é a literatura liberada dos poderes da subjetividade e de sua hermenêutica, por isso, “falar é uma coisa grave (...) pois qualquer coisa de excesso está em jogo.”²¹ É o sujeito posto à prova longe de sua relação com a obra, mas por sua desmaterialização.

¹⁴ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, p. 143.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *Sur les façons...*, p. 593.

¹⁶ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, p. 145.

¹⁷ BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du desastre...*, p. 54.

¹⁸ LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora...*, p. 29.

¹⁹ BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du desastre*. Paris: Gallimard, 1983, p. 32.

²⁰ BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du desastre...*, p. 59.

²¹ BLANCHOT, Maurice. “Le jeu de la pensée”. In: *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Georges Bataille), Paris, v. XIX, n° 1963, p. 734, août/septembre, 1963.

MAURICE BLANCHOT – O ESCAFANDRISTA DE EXTREMIDADES:
REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO FORA NA LITERATURA

Contudo, para que o invisível se torne visível, para que o *fora* se reconheça na ausência da obra e no desdobramento da linguagem literária, é necessária a *negação*, a morte, o aniquilamento da origem. Essa ausência é “o outro nome da loucura”,²² é o próprio *fora*, que atrai o movimento da escrita, que rompe os contornos dialéticos da linguagem, e faz o discurso literário desdenhar as verdades do mundo científico. O *fora* choca, a escrita choca, porque transgride a Lei, todas as leis, ou, como quisera Blanchot, a sua própria lei; porque interrompe o curso causal dos fatos, assim como interrompe a temporalidade cotidiana da linguagem comum. A *experiência do fora* é uma experiência essencialmente temporal, presa no seu enredo, presa no seu engodo de ser ficção, mas constitutiva ao mesmo tempo. Ser a possibilidade justamente por sua impossibilidade essencial. A circularidade põe em questão o próprio ser, o ser do autor, o ser da personagem, exigindo o abandono das “esperanças e das ilusões.”²³

A *negação* é o recurso essencial da literatura para Blanchot, pois ela se traduz na morte, e, a morte é “a substância mais secreta da ausência, a profundidade do vazio, o fora eterno (*dehors éternel*).”²⁴ É na literatura que o universo imaginário, ao mesmo tempo que se constrói, desbora-se na constituição do mundo material, da realidade das personagens, do enredo. Assim o espaço da morte é o espaço da palavra,²⁵ porque a palavra nega o real para construir-se paradoxalmente como irrealidade e como ficção. A literatura nega o mundo para construí-lo nessa exata medida. Ela esfacela o sujeito para fazer-se aparecer. Ao negar-se, ao reconhecer e se reconciliar com esse não-ser do mundo ela imediatamente o constitui, desdobrando-se, desplissando-se na superficialidade de seu tecido, de sua escritura. Ela se nega para poder experimentar o “outro de todos os mundos”, ou outro possível na sua impossibilidade.

A *morte*, todavia, ao mesmo tempo que é o “quarto vazio”, o “silêncio puro”, a “noite”, a “substância do nada”, e, portanto, a negação de tudo, é também o lugar da criação, o recurso que procura Mallarmé em *Igitur* “criar pela sua própria morte.”²⁶ É pela morte que o personagem se torna adolescente. “Nessa perspectiva, morrer é ir ao encontro da liberdade que me faz livre de ser, da separação decidida que me permite escapar ao ser pela mudança (*défi*), pela luta, pela ação, pelo trabalho e de me ultrapassar (*dépasser*) em direção ao mundo dos outros. Eu sou, eu sou somente porque eu fiz do nada o meu poder, porque eu pude não ser. Morrer se torna, assim, o termo desse poder, o acordo desse nada e, nessa relação, a afirmação que o outro vem até mim pela morte, a afirmação também que a liberdade conduz à morte, sustenta-me até a morte, faz dela minha livre morte.”²⁷

²² BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969, p. 45.

²³ MAN, Paul de. *La circularité de...*, p. 558.

²⁴ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard, 1955, p. 113.

²⁵ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, p. 144.

²⁶ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, p. 112.

²⁷ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, pp. 170 e 171.

A morte e o esquecimento se inter-relacionam no estreito grau da negação. “Na noite, encontra-se a morte, busca-se o esquecimento. Mas essa outra noite é a morte que não se encontra, é o esquecimento que se esquece, que é, no interior de si, a lembrança sem descanso (*repos*).”²⁸ É pela possibilidade de estar sempre esquecendo para poder se renovar, de estar sempre deixando o usualmente aceito para novas oportunidades de reconhecimento do mundo, que Conrado assume a negação em sua *Lebenserfahren* (condução da vida). “A morte compreendida, privada de si mesma, torna-se a pura essência privativa, a pura negação, a morte que, na recusa apropriada que ela mesma constitui, afirma-se como um poder de ser e de isso para o qual tudo se determina, abre-se em possibilidade.”²⁹

A morte não pode ser experimentada, como bem quer Blanchot e está intimamente ligada ao acaso, dada a sua imprevisibilidade.³⁰ O acaso é a noite evitada pelo homem, é o lugar onde pode contemplar a sua própria evidência e certeza constante. Nessa medida, o acaso é a morte, são os dados da imprevisibilidade que fazem o sujeito ingressar na possibilidade de sua negação.³¹ É justamente essa capacidade que a linguagem ficcional tem de constituir a realidade que faz aparecer a negação como recurso necessário. A morte é, nessa medida, a experiência do nada, a única possibilidade de encontrar a construção da palavra. A ausência de obra, o nada experimentado, o trabalho do ausente, tratam-se de situações de um poder de afirmação pela negação operada pela literatura. Assim, a palavra ficcional tem a aptidão para tornar as coisas ausentes, para suscitar sua negação, para, enfim, escapar ao real e deixar-se numa “suprema e silenciosa desapareição.”³²

Busca-se a morte, do mesmo modo que se busca o desastre. O desastre é capaz de retirar o sujeito da passividade, e colocá-lo no lugar do “trágico e do catastrófico”.³³ O desastre vai além da obriedade e da segurança, vai até aonde o sujeito se indaga no seu aniquilamento (e aqui a proximidade com Bataille é muito intensa, a ver-se pelo acaso e pelo terror). É expressão exterior de aniquilamento, é ficção constitutiva, e, de certo modo, é pensamento, “pensamento não desastroso, pensamento do fora. Não temos acesso ao fora, mas o fora sempre nos chamou a atenção, do que se precipita.”³⁴ Por isso, para Blanchot, a morte gera uma angústia dilacerante diante de sua realidade exterior, uma angústia incontida, que expulsa o ser da linguagem para esse fora, fazendo aparecer “o caráter anônimo da morte.”³⁵ O ser da

²⁸ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, p. 170.

²⁹ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. 50.

³⁰ BLANCHOT, Maurice. *Le pas au-delà*. Paris: Gallimard, 1973, p. 133.

³¹ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, p. 117.

³² BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, pp. 109 e 110.

³³ BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du desastre...*, p. 11.

³⁴ BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du desastre...*, p. 13.

³⁵ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire...*, p. 123.

MAURICE BLANCHOT – O ESCAFANDRISTA DE EXTREMIDADES:
REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO FORA NA LITERATURA

linguagem se experimenta, deixa-se levar sem roteiro, sem caminho em direção ao inesperado, desastrosamente, sem origem, sem nome, desértico. É sua “paixão do fora” que o permite conduzir-se para além das relações de poder, justamente por sua impossibilidade de assujeitamento.³⁶

Nessa medida, o desastre faz o discurso se chocar com a realidade já dada. “O desastre não faz desaparecer o pensamento, senão do pensamento as interrogações e os problemas, a afirmação e a negação, o silêncio e a palavra, o sinal e a insígnia.” Ele faz vibrar as interrogações e as respostas já existentes, e à medida que se afirma como negação, permite a criação de novos problemas. “O desastre é uma experiência não experimentada.”³⁷ É a vivência prévia do inesperado e do não vivido, que encontra no outro, no neutro, a necessidade de um imaginário. Mas o que é o imaginário para Blanchot? Qual o seu papel em sua escritura? As respostas trilham-se no próprio espaço literário e na constituição do *outro*.

O espaço literário constitui um espaço imaginário, um lugar repleto de imagens e seus objetos, em que os homens, as ações, o tempo, o enredo, tudo, processa-se no espaço do imaginário. Não há tempo diferenciado entre o objeto e sua imagem, ambos se entrelaçam, pois a imagem não é a representação negativa do objeto, mas a possibilidade de um outro, um não-mundo, o *outro de todo o mundo*. Nessa medida, o espaço literário enquanto espaço imaginário é mera dobra do espaço real, é o duplo, de tal modo que ele é imaginário e realidade ao mesmo tempo, dada a sua potência constitutiva. Cai por terra, portanto, a tradicional distinção entre realidade e imaginário, já que eles se realizam em conjunto, numa definição de identidades.³⁸ É um movimento contínuo, um labirinto espiralado de desdobramentos, que leva o real ao imaginário e este ao real na mesma proporção e intensidade. O imaginário é o outro da existência, a possibilidade infinita em relação às suas possibilidades limitadas, um fora, um alhures, uma exterioridade radical, como bem quisera Jean Pfeiffer.³⁹ Fala-se, então, por mais paradoxal que possa sugerir, na possibilidade de uma *realidade da literatura*, um lugar onde ela é, ela mesma, ser da linguagem, o fora. Mas essa realidade, diferente da pregação nietzscheana da arte, não é o espaço de vontade de potência, não ao menos como foco principal de análise para Blanchot, mas sim, um lugar neutro, uma região no próprio mundo, uma passagem para o *fora*.

³⁶ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. 66.

³⁷ BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du desastre...*, pp. 50 e 104.

³⁸ PFEIFFER, Jean. “La passion de l’imaginaire”. In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot). Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, p. 572, juin 1966.

³⁹ PFEIFFER, Jean. *La passion...*, p. 571.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. “Préface à la transgression”. In *Critique: Revue générale des publications françaises et étrangère*. Paris, v. XIX, n° 1963, p. 756, août/septembre, 1963.

Exteriorizado, desdobrado, o autor-sujeito expõe para fora do mundo todos os seus valores, todas as suas certezas e todos os seus dogmas já configurados previamente. É uma exposição pela experiência da desdobradura, da extensão para fora de si mesmo, para fora da subjetividade. É a experiência do deslizamento geradora da possibilidade de resistência, de contestação – o princípio de contestação.⁴⁰ Ao fazer-fugir, como apraz a Deleuze, o homem publiciza todas as suas maiores verdades inquestionadas. O fora, nessa medida, é terapêutico do autor, à medida que se desdobra e se reconhece. O fora desloca os horizontes, fazendo pulsar o *eu penso* cartesiano, ao retirar-lhe a profundidade da subjetividade, como se atenta posteriormente Foucault. Trata-se da morte do sujeito, do sujeito outorgador de verdades, do sujeito atribuidor de sentidos e imputador de singularidades. É a confissão desmesurada da vontade de unidade do autor que estremece na literatura moderna. O *eu* do *cogito* se lança ao *ele* da literatura (ou ao *eu da linguagem* e não do sujeito filosofante), fazendo aparecer o *neutro*. O *neutro* não é uma essência, mas uma relação, não é estático, mas dinâmico, não é uno, mas plural. É um movimento de liberação do *eu* para o *fora*, para o estrangeiro, quando o enunciado não mais lhe pertence, mas é de todos, é *neutro*. É o negativo revelando o obscuro, o opaco exteriorizado pelo redobramento do dito em sua diferença.⁴¹ É furto e dissimulação de si próprio. O neutro é o deserto do autor, o seu exílio imbricado pelo desconhecido, o *Outro*.

O outro é “o distante, o alheio”, mas ele se relaciona com o sujeito como fosse também o outro, fazendo-o sair de sua identidade. O outro faz o *eu* “sair de si mesmo, deixando uma passividade privada de si (a alteridade mesma), não o sujeito, o paciente”.⁴² Esse outro que cliva o eu e o distancia de si mesmo, ao passo que o interioriza na dobra do mundo não é um eu recortado, agressivo, destruidor, mas é o outro que dá sentido, que o desdobra, é seu espaço e não o seu inimigo.⁴³ Trata-se de uma imiscuição incontrolada entre o autor e seu outro, uma intromissão desabusada entre o autor e seu estrangeiro. A relação estabelecida é profunda, mas todas as tramas se travam na superficialidade do fora e não nas entranhas do sujeito. O *desdobrar-se* é justamente uma liberdade em direção à superfície. A robustez e o vigor da imbricação de ambos pode levar a aniquilação de um pelo outro. “A morte do outro: uma dupla morte, porque o Outro já é a morte e pesa em mim como a obsessão pela morte.”⁴⁴ O outro, o neutro expõe o sujeito, escorre-o para o fora, o desconhecido, o diferente.

Se o outro é lugar do imaginário, o neutro do fora, o tempo também se desdobra em Blanchot, não para uma outra dimensão, mas para um tempo imaginário, um tempo

⁴⁰ COLIN, Françoise. “L’un et l’autre”. In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, p. 564, juin 1966.

⁴² BLANCHOT, Maurice. *L’écriture du desastre...*, p. 23.

⁴³ BLANCHOT, Maurice. *L’écriture du desastre...*, p. 26.

⁴⁴ BLANCHOT, Maurice. *L’écriture du desastre...*, p. 23.

MAURICE BLANCHOT – O ESCAFANDRISTA DE EXTREMIDADES:
REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO FORA NA LITERATURA

não-linear, um tempo revertido, um tempo em estado puro, por isso é também negação, aniquilação do sujeito. “Tempo puro, sem acontecimentos, vacância movente, distância agitada, espaço interior vindo a ser onde os êxtases do tempo se colocam numa simultaneidade fascinante, o que tudo isso? O tempo da narração (*récit*), o tempo que não é fora do tempo (*temps hors du temps*), mas que experimenta como o fora, sob a forma de um espaço, espaço imaginário onde a arte encontra e dispõe seus recursos.” Por isso, a morte é também obra do tempo, “suspensa, neutralizada, vã e inofensiva.” Fala-se de um tempo presente fora de si mesmo, de um presente fora do presente (*le présent hors du présent*), capaz de se fazer escapar para fora de sua realidade determinada, para a exterioridade, onde ele possa ser autor de si mesmo.⁴⁵ Não se pode, assim, compreender a construção da realidade sem a compreensão do movimento do tempo, que faz as afirmações se desenvolverem pouco a pouco.⁴⁶ E aqui o tempo em Blanchot tem certa similitude com as construções irreconciliadas do tempo em Deleuze. A tarefa do escritor, por sua feita, é a procura do rumor, do momento anterior, quando a origem ainda não havia demarcado os seus traços, é a busca do momento que precede a palavra, uma presença que exclui o sujeito quando fala.⁴⁷ Embora Blanchot chegue a uma conclusão distinta de Nietzsche, em torno do conceito de *Ursprung*, tendo em vista que para autor alemão a origem seria fruto da vontade de poder, ambos concordam o fato de a origem é o lugar que se inicia mas que faz continuar no tempo o próprio mistério de sua criação.⁴⁸

Esse rumor que faz sussurrar o tempo e estremecer a origem, leva o autor ao fora, ao estrangeiro. Embalado pelas construções bataillanas, Blanchot salienta que a transgressão “não é um ato no qual, em dadas condições, a potência de alguns homens e seu controle se mostram ainda capazes. Ela designa o que é radicalmente fora de si: a busca do inacessível, a transposição (*franchissement*) do intransponível (*infranchissable*).”⁴⁹ Essa mesma concepção, Foucault homenageia Bataille, sustentando que a transgressão “é um gesto que diz com o limite; é lá, nessa escassez (*minceur*) da linha, que se manifesta o clarear de sua passagem, mas, talvez também, sua trajetória em sua totalidade, sua própria origem.”⁵⁰ Eis o fora blanchoniano como espaço e possibilidade de resistência e transgressão e que pode contribuir sobremaneira para a literatura nacional.

⁴⁵ BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir...*, pp. 23 e 30.

⁴⁶ BLANCHOT, Maurice. *Lautréamont et Sade...*, p. 83.

⁴⁷ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. 50.

⁴⁸ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. 309.

⁴⁹ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini...*, p. 308.

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *Préface à la transgression...*, p. 754.

2 Referências Bibliográficas

- BLANCHOT, Maurice. *L'amitié*. Paris: Gallimard, 1971.
- _____. *La communauté inavouable*. Paris: Éditions de Minuit, 1983.
- _____. *Lautréamont et Sade*. Paris: Éditions de Minuit, 1963.
- _____. "Le demain joueur: sur l'avenir du surréalisme". In *La Nouvelle Revue Française*, n° 172, pp. 283-308, avr. 1967.
- _____. *L'écriture du desastre*. Paris: Gallimard, 1983.
- _____. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.
- _____. *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard, 1955.
- _____. "Le jeu de la pensée". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Georges Bataille), Paris, v. XIX, n° 1963, pp. 734-741, août/septembre, 1963.
- _____. *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1955.
- _____. *Le pas au-delà*. Paris: Gallimard, 1973.
- _____. "Les lettres à Georges Bataille". In *Choix de lettres (1917-1962)* (établie par Michel Surya) Paris: Gallimard, 1997, pp. 589-598.
- _____. *Michel Foucault tel qu'on le imagine*. Montpellier: Fata Morgana, 1986.
- FOUCAULT, Michel. "La pensée du dehors". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris, v. XXII, n° 229, pp. 523-546, juin 1966.
- CHAR, René. "Conversation avec une grappe, en hommage à Maurice Blanchot". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, p. 483, juin 1966.
- COLIN, Françoise. "L'un et l'autre". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, pp. 561-570, juin 1966.
- LAPORTE, Roger. "Le oui, le non, le neutre". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, pp. 579-590, juin 1966.
- LEVINAS, Emmanuel. "La servante et son maître : à propos de 'l'attente l'oubli'". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, pp. 514-522, juin 1966.
- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- MAN, Paul de. "La circularité de l'interprétations dans l'oeuvre de Maurice Blanchot". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, pp. 547-560, juin 1966.
- PFEIFFER, Jean. "La passion de l'imaginaire". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, pp. 571-578, juin 1966.

**MAURICE BLANCHOT – O ESCAFANDRISTA DE EXTREMIDADES:
REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO FORA NA LITERATURA**

POULET, Georges. "Maurice Blanchot, critique et romancier". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, pp. 485-497, juin 1966.

STAROBINSKI, Jean. "Thomas l'obscur, chapitre premier". In *Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères* (Hommage à Maurice Blanchot), Paris: Éditions de Minuit, t. XXII, n° 229, pp. 498-513, juin 1966.